



RAUTAVAARA, SCHUMANN, SIBELIUS

Trifonov (p), Lintu (d), Orquestra Gulbenkian

Gulbenkian, Lisboa, dia 19

O programa era aliciante, mas intrigante. O que é que o piano de Schumann tem a ver com a música sinfónica finlandesa do século XX? Por outro lado, o concerto constava de três peças que nunca perco, a começar pelo extraordinário “Cantus Arcticus” (1972), um ‘concerto para pássaros e orquestra’, de Einojuhani Rautavaara (1928–2016). Com os jardins da Gulbenkian à vista, o diálogo de flautas que inicia a peça assume logo um significado ornitológico. Depressa, porém, as flautas e os sopros são superados pelo canto das aves dos pântanos nórdicos (em fita magnética), criando um dossel sonoro de texturas impressionistas. Adivinha-se que as primeiras músicas entendidas pelo *Homo sapiens* terão sido o canto dos pássaros. Somos bichos de imitação. O efeito é simultaneamente mágico e sereno. Uma boa parte do público tinha ido ao engodo de Daniil Trifonov (que se apresentava em Lisboa pela primeira vez com orquestra). A afinidade do pianista com a música de Schumann é conhecida (bem como a admiração que Schumann tinha por Chopin: “Meus Senhores, tirem os chapéus, um génio!”). O “Concerto para piano e orquestra em lá menor” (1846) — o único que compôs — começou por ser uma “Phantasie” (composta para a mulher, Clara), mas acabou num híbrido de sinfonia, concerto e grande sonata. O início rutilante, à Tchaikovsky ou Rachmaninov, anuncia que piano e orquestra formam um todo inseparável — uma situação visível ao longo de todo o concerto na realização galvanizadora de Trifonov (que chega a levantar voo)! Sempre que o ouço e vejo tocar, duas ideias me vêm à cabeça: ‘Nunca ouvi isto assim’ e ‘Não pode ser doutra maneira’, tal a invenção (e convicção) que Trifonov imprime ao seu pianismo. É no 1º andamento, *Allegro affettuoso*, que se encontram os germes de todos os motivos e ideias do concerto, incluindo os do *Allegro vivace* final. Até lá está, na opinião do pianista, o tema lírico (nº 12) com que Schumann homenageou Chopin no “Carnaval, op. 9” (e que Trifonov incluiu nas recentes “Chopin Evocations”, gravadas pela DG). Perante o entusiasmo geral, ouvimos em extra, num arranjo de Alfred Cortot, o 3º andamento (*Largo*) da “Sonata para violoncelo”, contemporânea do concerto de Schumann e a última obra publicada de Chopin. O intervalo serviu para desopilar. Faltava ainda rematar a ligação finlandesa do concerto com essa ‘confissão da alma’ de Jean Sibelius (1865–1957) que é a sua “Sinfonia nº 2” (1902), de inspiração italiana (o pizzicato de violoncelos no 2º andamento, as alusões ao Convidado de Pedra de Dom João). Excelente trabalho do maestro Hannu Lintu com a Orquestra Gulbenkian. No scherzo tempestuoso e no final grandioso, adivinha-se a têmpera rija ou sisu do povo finlandês. / JORGE CALADO